



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho *

EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redação e administração - Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa - PORTUGAL

End. telegr. *Tatata* - Lisboa • Telefone: 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

E GOVERNAM!

Anunciaram os órgãos oficiais do Partido Republicano Português que no seu congresso, que vem de realizar-se em Lisboa, seriam discutidos problemas do mais alto interesse nacional, dos quais, segundo esses mesmos órgãos, em muito dependeria a marcha, por um melhor caminho, das coisas públicas.

Efectuado o congresso, verificámos, aliás sem surpresa, que a assemblea exactamente com que menos se preocupou foi com os tais problemas de interesse nacional, para se dedicar exclusivamente à discussão de assuntos de interesse restrito do partido, com a agravante de o fazer por forma a convencer toda-a-gente que aquele agrupamento partidário que, pela quantidade dos seus adherentes, não pela qualidade, é evidentemente o mais importante da república, continua a mostrar-se absolutamente incompetente, ferozmente intolerante e incapaz de dirigir-se a si próprio, quanto mais uma nação!

E, todavia, o país, através destes desacidentados anos de instituições republicanas, tem sido timonado — e nós sabemos em que tristes condições o tem sido — por aquela gente, por essa gente extremamente facciosa e sectária que no seu recente congresso não agitou uma ideia elevada, não debatou princípios, não se mostrou nem ao de leve tocada pela rajada de ideias novas que convulsivam o mundo. As suas atenções foram todas absorvidas por um partidismo estreito, e nem mesmo os homens do governo, que lá estiveram, deixaram de parecer-se com os restantes, porque não produziram uma afirmação que pudesse deixar ante o país a esperança de que mudarão de processo, de que se farão políticos do seu tempo.

Nada de elevantado dali saiu. Apenas se pregou ódio, sómente se estabeleu a intolerância. A orientação do céu ou muros continua a ter na facção política que acaba de reunir-se em Lisboa os mais fervorosos prosélitos.

Ali foi dito por um antigo presidente de ministério que sugestões lhe foram feitas para que mandasse bombardear a sede da central dos sindicatos, fuzilar operários, etc. Não disse ele de quem partiram essas sugestões, mas sem esforço se advinha que elas foram feitas por corregidórios seus, muitos dos quais certamente o estavam ouvindo.

E é a um partido que abriga no seu seio tais elementos que está entregue a república!

Pró 8 horas

A Secção dos Empregados de Livrarias da Associação dos Caixeiros, lembrando a todos os colegas que entra em vigor no dia 1 de Novembro o decreto das 8 horas de trabalho, sendo conveniente que esse horário seja rigorosamente cumprido. Os colegas que selaram nalgumas disposições do referido decreto, devem participá-lo a esta Secção, que tomará providências imediatas.

Pela política

Ramada Curto vai para o P. S. P...

Este jornal não é político, repele a política, combate a política. Todavia, há, às vezes, na política, pequenos casos que, para nós, sindicalistas anti-políticos, revestem um certo interesse e edição. Assim, vamos hoje relatar aos nossos leitores dois casos interessantes. Já por várias vezes que por ai constou que o sr. Ramada Curto, ex-furbundíssimo anarquista, e que até há pouco se manteve no redil democrático, ia aderir ao partido socialista. Pois desta vez a coisa parece confirmar-se, tendo nós informações fidedignas de que esse é machado-democrático enviou uma carta ao Directório do Partido Republicano Português, declarando-lhe que se desliga desse agrupamento político, a fim de aderir ao P. S. P. Ficar-se, ex., definitivamente nesse partido?

E' a que o sr. Sá Cardoso quere fazer ao proletariado organizado

GUERRA, GUERRA DE MORTE!

Um insidioso artigo da "Capital" —

Afirmações graves, que tem de provar ou desmentir

Os políticos já há algum tempo que não atacavam o operariado organizado, que não intrinjavam, que não envenenavam o ambiente contra os trabalhadores conscientes. Já nos admirava tanta calmaria na atmosfera política, habitualmente intransquila, desse país. Estamos muito habituados às perseguições mais injustas, às violências mais revoltantes, como casos excepcionais, mas armados pelos governos em método de resolver a questão social. E' habito responder-se aos trabalhadores com as crabinhas da força pública e surpreendê-los não se registarem violências de maior monta nestes últimos tempos, além das perseguições às Juventudes Sindicais e às prisões inexplicáveis de trabalhadores. Estavamos, por isso, admirados, mas aguardando a cada momento novas investidas da burguesia contra nós. Não nos enganámos na nossa espontaneidade porque, efectivamente, está-se urdindo na sombra um novo ataque à organização sindical, pretendendo-se inaugurar uma nova era de perseguições aos trabalhadores. Um indicio do que se prepara é um artigo intenso inserido na *Capital*, artigo insidioso, mentiroso, revelando em cada linha uma velejaria realizada neste cidade, do sr. Leonardo Coimbra ao democrático indígena. O que teria motivado essa nova atitude do ex-ministro da instrução e ex-colaborador do jornal anarquista *A Aurora*, quando ele ainda há pouco, ao conversar com este e com aquele, declarava que não aceitava as coletivas partidárias? Não o sabemos; no entanto, bichanham-nos a qui o lado que ele filiou-se no P. R. P., com a condição *sine qua non* de o nomearem director da facultade de ciências do Porto, certamente, contando com que, entanto para o partido dos escândalos e das negociações, os seus marcheios o defendam dos bens merecidos ataques que a molharia a pena em lata, a molharia numa porção de lama: ...

... e Leonardo Coimbra filha-se no Partido Democrático

O outro caso não constitui precisamente nenhuma novidade, pois já há dias veio a público. Trata-se da adesão feita perante o Congresso Democrático ultimamente realizado nesta cidade, do sr. Leonardo Coimbra ao democrático indígena. O que teria motivado essa nova atitude do ex-ministro da instrução e ex-colaborador do jornal anarquista *A Aurora*, quando ele ainda há pouco, ao conversar com este e com aquele, declarava que não aceitava as coletivas partidárias? Não o sabemos; no entanto, bichanham-nos a qui o lado que ele filiou-se no P. R. P., com a condição *sine qua non* de o nomearem director da facultade de ciências do Porto, certamente, contando com que, entanto para o partido dos escândalos e das negociações, os seus marcheios o defendam dos bens merecidos ataques que a molharia a pena em lata, a molharia numa porção de lama: ...

Dizem-nos, efectivamente, que a todes as classes sindicalizadas foi ultimamente enviado um preceito de questionário, o principal de que é a questão de apurá-lo, dado um movimento revolucionário, qualas as classes que a él aderiram. Ao presidente do pessoal da exploração do porto de Lisboa foi enviado um desses questionários, ao qual o referido presidente espontaneamente respondeu que não contava com conselhos, que não contasse com a classe a título criminoso, gesto que só prejudicaria a Patria e à República.

Mas esta nobre atitude não tem sido seguida por outras colectividades, pois as estatutas oficiais foram informadas de que se pretende desenvolver a campanha dissidente em todas as classes sindicalizadas.

Os senhorios de Lisboa, não satisfeitos ainda com a leonina exploração que impunemente veem exercendo sobre a população desta cidade, forçando-a a pagar elevadíssimas rendas por casas que não reúnem condições alguma de conforto nem de higiene, preparam-se, mercê da criminosa indiferença das suas vítimas, que são todo o povo de Lisboa, para conseguir — o que não lhes será difícil — uma autorização do governo para poderem elevar mais ainda o preço, já escandalosamente exorbitante, da habitação.

Três jornais de Lisboa prestaram-se a publicar nas suas colunas artigos em que alguém que pontifica na Associação dos Proprietários se atreve a justificar o premeditado assalto aos espoliadíssimos inquilinos, preparando assim ambiente favorável.

Todos os dias recebemos nesta redacção protestos contra as proezas de senhorios, alguns dos quais, levando ao máximo o seu egoísmo, não hesitam em pôr na sua antigas inquilinos para duplicarem o preço da habitação. Ainda há dias uma pobre mulher que se nos veio queixar de que, não tendo pago o dia habitual a renda, em consequência da sua marido se ter desempregado, bastou isso para que o seu respectivo senhorio lhe desse ordem de despejo. Caia depois doente, na cama, com uma bronquite, o seu companheiro e, apesar disso, o proprietário da habitação, indiferente aos desesperados apelos daquele mulher, não revogou a ordem de despejo, embora lhe tivesse sido demonstrado que a vida do enfermo corría perigo, não só porque o seu estado de saúde era delicado, mas também porque não tinha casa para onde pudesse ser transportado. A fera mostrou-se, portanto, implacável.

O que é necessário é que a *Capital* prove o que afirma, se é que ainda tem um bocado da dignidade e brio, se é que ainda alguma consideração lhe merece a propria honorabilidade e pundonor.

Quantos casos ofensos como este se não verificam dia a dia através a cidades?

E todavia esta população sujeita-se com uma calma singular, com uma passividade única, a todas as extorsões, só protestando e protestando platonicamente, quando o ralo lhe cai em casa.

Sobre os torpes projectos dos proprietários das habitações recebemos as duas cartas seguintes, a que gostosamente damos publicidade:

Camada redactor. — A *Capital* e outros jornais estão preparamo o ambiente para o governo modificar a lei do inquilinato em favor dos senhorios.

O cavalo de batalha é a crise das habitações e a necessidade de se construir mais casas. Pois bem, que o governo concede vantagens aos que construiram de novo e ninguém se queixará.

O que, porém, se pretende é aumentar as rendas das casas construídas e que são habitadas pelas classes menos passadas por cima deles.

Muitos senhorios já exigem dos inquilinos aumentos das rendas, os quais pagam sem recibo.

Estas transgressões são praticadas em

GUERRA, GUERRA DE MORTE!

Um insidioso artigo da "Capital" —

Afirmações graves, que tem de provar ou desmentir

SETÚBAL PERANTE UM GRAVE CONFLITO

A QUESTÃO DA PESCA

Ouvindo os trabalhadores do mar

Lamentamos que algumas classes operárias de terra não tenham pejo em se colocar ao lado dos patrões, em vez de procurarem chegar a um acordo comum — dizem os marítimos

A Associação dos Marítimos é, aliás, naquele prédio que tem uma banca de terra no primeiro andar, disso um rapazinho cheio de vivacidade, de quem inquirimos onde era a sede do sindicato marítimo. E ao olharmos na direcção indicada, verificámos com natural admiração, pois que habituados estamos a ver as mais importantes associações operárias instaladas em sedes confortáveis, que se tratava de um belo edifício, largo, de altura de dois andares, cuidadosamente limpo, deslindando-se ao vento, numa das janelas, um grande pavilhão vermelho, onde se lia em letras grandes negras: *Associação da Classe dos Trabalhadores da Mar de Setúbal*. Percorrida rapidamente a distância que separava aquela marítima, encontrámos, logo à entrada, um grupo de camaradas marítimos, a quem interrogámos sobre as suas deliberações, a fim de proceder à venda de 28 barcos de peixe que tinham em terra, formando-se, depois, uma comissão de delegados de ambas as partes para estudarem a maneira de garantir daí em diante o rendimento do trabalho dos marítimos. Porém, camo na tarde desse dia, 20 do corrente, muitos operários de terra se juntaram no cais, zombando dos marítimos, estes, sentindo-se feridos no seu brio, fizermos-se ao largo com o peixe, declarando que a comissão marítima não tinha os poderes necessários para resolver a questão da forma que já lhe indiquei, devido ao que o conflito continuou insolvel. No dia imediato, reúnimo em assemblea geral, resolvendo nomear outra comissão, por a primeira se ter demolido. A nova comissão enviou um ofício à Associação Industrial, explicando o conflito havido no caso e pedindo que se reatasse as negociações, ofício que não teve resposta.

De forma que o conflito manteve-se, não se descobrindo a melhor forma de o solucionar a contento de todos?

Assim parece. Mas esteja certo o camarada de que os marítimos estão animados da melhor boa vontade, do maior espírito de transigência e, apesar de tudo, esperam que o conflito se resolva brevemente. Lamentamos que algumas classes operárias de terra não tenham pejo em se colocar ao lado dos patrões, defendendo-lhes os interesses, em vez de procurarem chegar a um acordo com os seus camaradas marítimos. A capitânia do porto de Setúbal, por ordem do chefe do departamento marítimo do centro, tentou se mediar nesse caso, convocando uma reunião conjunta de marítimos e de industriais, ao que estes últimos se negaram, dizendo que só tratariam comos quando retomassem o trabalho, o que por princípio algum fariam. Não obstante, deve realizar-se hoje nova reunião, pois os industriais já abandonaram a sua incomprensível atitude e vêm que o dia que saíra...

Os trabalhadores do mar, por intermédio do camarada Joaquim da Silva, presidente da sua associação, tinham feito um depoimento. Depois de o re-colhemos cuidadosamente, despedimo-nos dos marítimos presentes, a fim de irmos ouvir as outras classes, fazendo votos para que de pronto se solucionasse o conflito e se restabeleça uma indissensável concórdia entre o povo trabalhador da risonha rainha do Sado...

LÉR AMANHÃ: — A questão da pesca em Setúbal — Como as classes operárias de terra que se empregam na indústria das conservas, encaram o conflito.

A LEI DAS 8 HORAS

O parlamento rejeitou um novo adiamento — Comerciantes e industriais preparam o "lock-out"

Ontem, na Câmara dos Deputados, o sr. Aboim Inglês, conhecido capitalista, inimigo do proletariado e reacionário ferrenho, tentou impedir que o regulamento das oito horas de trabalho fosse posto em execução no dia 1 de Novembro. O facto de ter origem a um breve debate, em que tomaram parte os srs. Aboim Inglês, António Maria da Silva, Costa Júnior e o ministro do trabalho. A resolução da Câmara foi francamente favorável à execução do regulamento por uma maioria verdadeiramente excepcional. Na votação, o sr. Aboim Inglês e as ideias que expôs tiveram apenas a seu favor uma meia dúzia de deputados, compreendendo a maioria do parlamento que seria perigoso continuar adiando sistematicamente a lei, o que já ia irritando sobremodo o operariado. Quanto ao sr. Aboim Inglês, que é o célebre escritor alemão...

— Se se impacienta o camarada, porque já lá chegamos; e o relato desse pormenor é importante, preendendo-se com a questão.

Assim, desde que terminou a conflagração, os proprietários das fábricas viram os seus lucros sensivelmente diminuídos, porque as conservas já não eram procuradas com a insistência dourada, o que criou a algumas firmas menos sólidas uma situação económica má. Começaram, então, essas firmas, a falar aos seus compromissos com os trabalhadores marítimos, que só tratariam comos quando retomassem o trabalho, o que por princípio algum fariam. Não obstante, deve realizar-se hoje nova reunião, pois os industriais já abandonaram a sua incomprensível atitude e vemos que o dia que saíra...

Os trabalhadores do mar, por intermédio do camarada Joaquim da Silva, presidente da sua associação, tinham feito um depoimento. Depois de o re-colhemos cuidadosamente, despedimo-nos dos marítimos presentes, a fim de irmos ouvir as outras classes, fazendo votos para que de pronto se solucionasse o conflito e se restabeleça uma indissensável concórdia entre o povo trabalhador da risonha rainha do Sado...

— Se os factos são esses, não me parece desacertada a resolução...

— Pois sim, mas os industriais, em face disso, reúniram na Associação Industrial, concerteando que as firmas privadas de crédito se apresentassem à lota, como se nada de novo se passasse, sendo os primeiros a comprá-las. Houve ali algumas que fizeram os seus pagamentos com cheques falsos, passando a pagar redondamente a pagar. Deste estado de coisas resultou nos reunirmos, ficando deliberado levantar o crédito as firmas menos sérias.

— Se os factos são esses, não me parece desacertada a resolução...

— Pois sim, mas os industriais, em face disso, reúniram na Associação Industrial, concerteando que as firmas privadas de crédito se apresentassem à lota, como se nada de novo se passasse, sendo os primeiros a comprá-las. Houve ali algumas que fizeram os seus pagamentos com cheques falsos, passando a pagar redondamente a pagar. Deste estado de coisas resultou nos reunirmos, ficando deliberado levantar o crédito as firmas menos sérias.

— Se os factos são esses, não me parece desacertada a resolução...

— Pois sim, mas os industriais, em face disso, reúniram na Associação Industrial, concerteando que as firmas privadas de crédito se apresentassem à lota, como se nada de novo se passasse, sendo os primeiros a comprá-las. Houve ali algumas que fizeram os seus pagamentos com cheques falsos, passando a pagar redondamente a pagar. Deste estado de coisas resultou nos reunirmos, ficando deliberado levantar o crédito as firmas menos sérias.

— Se os factos são esses, não me parece desacertada a resolução...

— Pois sim, mas os industriais, em face disso, reúniram na Associação Industrial, concerteando que as firmas privadas de crédito se apresentassem à lota, como se nada de novo se passasse, sendo os primeiros a comprá-las. Houve ali algumas que fizeram os seus pagamentos com cheques falsos, passando a pagar redondamente a pagar. Deste estado de coisas resultou nos reunirmos, ficando deliberado levantar o crédito as firmas menos sérias.

— Se os factos são esses, não me parece desacertada a resolução...

— Pois sim, mas os industriais, em face disso, reúniram na Associação Industrial, concerteando que as firmas privadas de crédito se apresentassem à lota, como se nada de novo se passasse, sendo os primeiros a comprá-las. Houve ali algumas que fizeram os seus pagamentos com cheques falsos, passando a pagar redondamente a pagar. Deste estado de coisas resultou nos reunirmos, ficando deliberado levantar o crédito as firmas menos sérias.

— Se os factos são esses, não me parece desacertada a resolução...

— Pois sim, mas os industriais, em face disso, reúniram na Associação Industrial, concerteando que as firmas privadas de crédito se apresentassem à lota, como se nada de novo se passasse, sendo os primeiros a comprá-las. Houve ali algumas que fizeram os seus pagamentos com cheques falsos, passando

Vida cara e difícil

Gêneros avariados—Extrana atitude dum sub-delegado de saúde

A remessa número 46.158, composta de 10 fardos de bacalhau expedida de Leiria a Braga de Prata, como *A Batalha* já publicou, foi ontem verificada pelo respectivo sub-delegado de saúde, que a deu capaz para consumo. Ora até aqui está tudo bem; mas a verdade é que s. ex.º viu três fardos e nesses fardos verificou apenas uma quatro quilos de bacalhau, e vendo que estava pôrde, teve as seguintes palavras: «Não estou para lavrar auto por causa de trés ou quatro quilos de bacalhau, pois que nem merece a pena, além de que não possuem petróleo, para a instilar, e mais»—e andei eu a estudar para agora andar a vêr bacalhau...

Ora aí tem o povo consumidor um sub-delegado de saúde que trata bem da saúde publica... Mas neste caso à uma coincidência digna de nota. O dono do bacalhau no dia antecedente esteve perguntando ao polícia que estava de guarda; quem era o sub-delegado da área, colhendo os informes precisos. Não andaria aqui um segundo Manoel Caetano Alves?... Nós não pensamos em tal, mas nesta terra tudo se compreende...

Vamos a vêr qual será a dícosa pessoa que terá de pagar aquele bacalhau como bom, à falta de melhor.

Consignados à firma *Celéries de Lisboa*, tem ultimamente chegado à estação de Santa Apolónia, diversos vagões carregados de feijão; entre os que traziam feijão bom, vinham os vagões L.7.291 e L.7.400 que transportavam feijão, que está deteriorado. Seria de esperar que os fiscais das subsistências o tivessem apreendido, o que não sucedeu, pois que o ministro das subsistências ainda não dotou os agentes com óculos de vêr longe, pelo que são cegos.

O camarada Tomaz Domingos de Oliveira, pede para que seja vigiado o vagão L.6.048, com um carregamento de milho, que está coberto de bicharada e que é destinada a Oliveira do Bairro. O povo desta localidade deve observar o destino que leva esse cereal que está impróprio para o consumo.

Os 20 fardos de bacalhau que estavam apreendidos em Santa Apolónia e que vinham das Caldas da Rainha para Azambuja, lá seguiram o seu destino por aries de berliques e berloques.

Damos os nossos sentimentos ao povo de Azambuja. Quando não é a peste que nos invade os lares, é o bacalhau que nos fornece, para provocar-nos as epidemias.

A Ass. stência Pública - as Subsistências

Postos de vendas de gêneros

E' hoje que a Provedoria da Ass. stência inaugura os postos de vendas de gêneros, das 15 horas ate o anotecer, nas Cosinhas de distribuição de sopa aos pobres, de S. Vicente, S. Cristóvão, Santa Luzia, Alto do Pina, Beato, Mercearia, Campo de Ourique, S. Paulo, Benfica e Carnide, a fim de prover a alimentação das classes populares com gêneros mais indispensáveis.

Nesses postos vender-se-há, em pacotes de meio quilo, à razão de \$46 o açúcar, de \$35 o arroz, de \$24 o feijão; de \$36 o grão e de \$58 a massa.

Nos Arizenzos Reguladores de preços, começará hoje a venda de carvão em sacos de 5 e 15 quilos à razão de \$08 o quilo.

Os postos de vendas funcionam às terças, quartas e sábados e os Arizenzos durante o dia em todos os dias úteis.

Em breve a Provedoria conta dotar com outros gêneros de utilidade mais imediata à alimentação os seus postos e Arizenzos.

A questão do peixe

Tendo a comissão delegada dos armadores dos barcos de pesca, manifestado desejos de reatar as negociações com a câmara com respeito à questão do peixe, a comissão municipal dos abastecimentos marcou-lhe uma conferência para hoje.

Carregamento de açúcar

Deve chegar brevemente ao Tejo o vapor *Mocambique* com cerca de 8.000 toneladas de açúcar consignado ao Estado.

O comício em Almada

Comunica-nos a União dos Sindicatos Operários de Almada que, por motivos de força maior, já não se pode realizar o comício anunciado para hoje.

UMA IMPREVIDÊNCIA

Um homem gravemente queimado

Peins 11 horas de ontem, o trabalhador Manuel de Oliveira, 35 anos, natural de Santa Eulália, residente na Vila de Santa Eulália, no Parque, próximo ao manicômio de Bombaria no Campo Grande, depois de ter sido atingido numa taberna do sítio, dirigiu-se para casa, deixando sobre a cama a fumar um cigarro. Deixando-se dormir, foi o logo a cigrinho pegar a cama de cima e descer a escadas, quando foi atingido de novo e gravemente queimado. Conduzido ao posto de socorros dos Bombeiros Voluntários Lisboenses foi ali pensado, e depois transportado no auto da mesma corporação ao hospital de S. José, onde recolheu à enfermaria 1 (S. Onofre).

Os rendimentos dos operários

Para a enfermaria 4 (S. António) do hospital de S. José entrou António dos Santos, amador de futebol, natural da Vila de Santa Eulália, que, quando foi atingido de novo, foi colhido pela mancha de uma das máquinas, ficando ferido no sobrilo e nariz, com fratura dos ossos.

O "ultimatum" à Roménia não será enviado

PARIS, 28.—(T. S. F.)—O *Petit Parisien* interrogou o secretário geral da delegação romena junto da Conferência da Paz, o qual lhe declarou que a delegação acabava de ser avisada da nomeação do general Coanda, como delegado à Conferência, em substituição do Misu.

O general é aguardado em Paris na terça-feira, sendo portador das últimas instruções do novo governo romeno.

O secretário geral crê que chegará rapidamente a um acordo, desmentindo também o envio de um "ultimatum" à Roménia, pela "Entente".—Rádio.

Consequências dum desordem

Um homem ferido a tiro
AZAMBUJA, 29.—Seguiu em maca para um dos hospitais de Lisboa, o sr. João Ferreira, proprietário do Hotel Aliança, ferido involuntariamente por um tiro de revolver, disparado por Joaquim Peixoto, que, com outros, se envolveram em desordem. Efectuaram-se três prisões.

Os rendimentos dos trabalhadores

Barco que desaparece

suspeitando-se que tenha naufragado, morrem os tripulantes

CEZIMBRA, 29.—Na madrugada do dia 27 saiu à pesca, para o mar alto, o bote «Armando», tripulado pelo arraial José António Pereira, tendo por companheiros seu filho Sábio José, de 16 anos; Eduardo José, de 27 anos, e Alvaro Paixão, de 32 anos, sem que até agora tivesse aparecido, presumindo-se que lhe aconteceu algum sinistro. Na intenção de procurar informações, telegrafou-se para vários pontos da costa, mas sem resultado algum, supondo-se que os desventurados pescadores tinhão sido vitimados dum naufrágio. E' já o quarto sinistro que registamos num curto espaço de tempo. O infeliz José António Pereira deixa viuva e 4 filhos. O acontecimento causou a mais viva emoção no povo de Cezimbra.

Na Itália

propaganda eleitoral decorre agitada

ROMA, 28.—Continua bastante agitada a campanha eleitoral. Os socialistas oficiais impediram os «meetings» dos adversários. Em Aquila, o deputado Camerini foi corrido à pedrada. Em Arrezo, os gendarmes que foram chamados para proteger os eleitores dos ataques dos socialistas, fizeram fogo, ferindo gravemente duas mulheres. Os socialistas maximalistas tem feito uma grande agitação contra o voto.

Bela Kun em Roma?

ROMA, 27.—O «Corriere d'Italia», afirma que Bela Kun, ex-presidente do Conselho dos comissários do povo da República Social da Hungria, se encontra em Roma, usando um falso nome.

A reação burguesa no Brasil

A perseguição aos anarquistas

RIO DE JANEIRO, 28.—Foi decretada a expulsão de mais três subditos italianos, acusados de fazerem propaganda anarquista. Seguirão para a Europa a bordo do paquete italiano «Príncipes Mafalda».

Câmara Municipal de Lisboa

A dívida do Estado ao Município

Em sessão da comissão executiva da Câmara Municipal de Lisboa e vereador do pelouco da contabilidade, sr. Luís Viegas participou estar concluído o relatório, elaborado pela comissão ultiamente nomeada para atualizar o apuramento da dívida do Estado à Câmara declarando estar ele orador redigindo a representação que a Comissão executiva deve entregar ao Parlamento.

Conferências

A aliança dos escravos e a próxima Revolução

É subordinada a este título que o dr. João de Castro realiza hoje às 20,30 horas, no Centro Socialista de Lisboa, r. do Benfimoroso, 150, 1.º, uma conferência de carácter social, à qual pode assistir qualquer pessoa.

Ferroviários demitidos

Os ferroviários demitidos por motivo da última greve, estiveram ontem novamente no ministério do interior, afim de tratarrem da sua situação. Por intermédio do governo, alguns desses ferroviários estão já empregados, procurando obter colocação para os restantes.

As perseguições aos salariais do Estado

Comissão Pré-Presos por questões sociais

Os carpinteiros civis de Lisboa, reunidos em assembleia geral, resolvem protestar:

1º Contra a já longa detenção dos camaradas jovens sindicalistas, que foram presos por estarem reunidos para protestar contra a desmedida ganância dos ladrões do povo consumidor, que ainda mantêm presos os jovens sindicalistas que protestaram contra a crise da vida;

2º protestar também contra o facto do governo português continuar a manter detidos os nossos camaradas vítimas da tirania do governo brasileiro;

3º Considerando que o mesmo governo continua sancionando uma arbitrariedade de que o governo brasileiro consumiu, contra cinco camaradas que foram expulsos do Brasil pelo grande crime de serem organizadores e trabalhadores conscientes;

Os carpinteiros civis de Lisboa, reunidos em assembleia geral, resolvem protestar:

1º Contra a já longa detenção dos camaradas jovens sindicalistas, que foram presos por estarem reunidos para protestar contra a desmedida ganância dos ladrões do povo consumidor, que ainda mantêm presos os jovens sindicalistas que protestaram contra a crise da vida;

2º protestar também contra o facto do governo português continuar a manter detidos os nossos camaradas vítimas da tirania do governo brasileiro;

3º Considerando que o mesmo governo continua sancionando uma arbitrariedade de que o governo brasileiro consumiu, contra cinco camaradas que foram expulsos do Brasil pelo grande crime de serem organizadores e trabalhadores conscientes;

Os carpinteiros civis de Lisboa, reunidos em assembleia geral, resolvem protestar:

1º Contra a já longa detenção dos camaradas jovens sindicalistas, que foram presos por estarem reunidos para protestar contra a desmedida ganância dos ladrões do povo consumidor, que ainda mantêm presos os jovens sindicalistas que protestaram contra a crise da vida;

2º protestar também contra o facto do governo português continuar a manter detidos os nossos camaradas vítimas da tirania do governo brasileiro;

3º Considerando que o mesmo governo continua sancionando uma arbitrariedade de que o governo brasileiro consumiu, contra cinco camaradas que foram expulsos do Brasil pelo grande crime de serem organizadores e trabalhadores conscientes;

Os carpinteiros civis de Lisboa, reunidos em assembleia geral, resolvem protestar:

1º Contra a já longa detenção dos camaradas jovens sindicalistas, que foram presos por estarem reunidos para protestar contra a desmedida ganância dos ladrões do povo consumidor, que ainda mantêm presos os jovens sindicalistas que protestaram contra a crise da vida;

2º protestar também contra o facto do governo português continuar a manter detidos os nossos camaradas vítimas da tirania do governo brasileiro;

3º Considerando que o mesmo governo continua sancionando uma arbitrariedade de que o governo brasileiro consumiu, contra cinco camaradas que foram expulsos do Brasil pelo grande crime de serem organizadores e trabalhadores conscientes;

Os carpinteiros civis de Lisboa, reunidos em assembleia geral, resolvem protestar:

1º Contra a já longa detenção dos camaradas jovens sindicalistas, que foram presos por estarem reunidos para protestar contra a desmedida ganância dos ladrões do povo consumidor, que ainda mantêm presos os jovens sindicalistas que protestaram contra a crise da vida;

2º protestar também contra o facto do governo português continuar a manter detidos os nossos camaradas vítimas da tirania do governo brasileiro;

3º Considerando que o mesmo governo continua sancionando uma arbitrariedade de que o governo brasileiro consumiu, contra cinco camaradas que foram expulsos do Brasil pelo grande crime de serem organizadores e trabalhadores conscientes;

Os carpinteiros civis de Lisboa, reunidos em assembleia geral, resolvem protestar:

1º Contra a já longa detenção dos camaradas jovens sindicalistas, que foram presos por estarem reunidos para protestar contra a desmedida ganância dos ladrões do povo consumidor, que ainda mantêm presos os jovens sindicalistas que protestaram contra a crise da vida;

2º protestar também contra o facto do governo português continuar a manter detidos os nossos camaradas vítimas da tirania do governo brasileiro;

3º Considerando que o mesmo governo continua sancionando uma arbitrariedade de que o governo brasileiro consumiu, contra cinco camaradas que foram expulsos do Brasil pelo grande crime de serem organizadores e trabalhadores conscientes;

Os carpinteiros civis de Lisboa, reunidos em assembleia geral, resolvem protestar:

1º Contra a já longa detenção dos camaradas jovens sindicalistas, que foram presos por estarem reunidos para protestar contra a desmedida ganância dos ladrões do povo consumidor, que ainda mantêm presos os jovens sindicalistas que protestaram contra a crise da vida;

2º protestar também contra o facto do governo português continuar a manter detidos os nossos camaradas vítimas da tirania do governo brasileiro;

3º Considerando que o mesmo governo continua sancionando uma arbitrariedade de que o governo brasileiro consumiu, contra cinco camaradas que foram expulsos do Brasil pelo grande crime de serem organizadores e trabalhadores conscientes;

Os carpinteiros civis de Lisboa, reunidos em assembleia geral, resolvem protestar:

1º Contra a já longa detenção dos camaradas jovens sindicalistas, que foram presos por estarem reunidos para protestar contra a desmedida ganância dos ladrões do povo consumidor, que ainda mantêm presos os jovens sindicalistas que protestaram contra a crise da vida;

2º protestar também contra o facto do governo português continuar a manter detidos os nossos camaradas vítimas da tirania do governo brasileiro;

3º Considerando que o mesmo governo continua sancionando uma arbitrariedade de que o governo brasileiro consumiu, contra cinco camaradas que foram expulsos do Brasil pelo grande crime de serem organizadores e trabalhadores conscientes;

Os carpinteiros civis de Lisboa, reunidos em assembleia geral, resolvem protestar:

1º Contra a já longa detenção dos camaradas jovens sindicalistas, que foram presos por estarem reunidos para protestar contra a desmedida ganância dos ladrões do povo consumidor, que ainda mantêm presos os jovens sindicalistas que protestaram contra a crise da vida;

2º protestar também contra o facto do governo português continuar a manter detidos os nossos camaradas vítimas da tirania do governo brasileiro;

3º Considerando que o mesmo governo continua sancionando uma arbitrariedade de que o governo brasileiro consumiu, contra cinco camaradas que foram expulsos do Brasil pelo grande crime de serem organizadores e trabalhadores conscientes;

Os carpinteiros civis de Lisboa, reunidos em assembleia geral, resolvem protestar:

1º Contra a já longa detenção dos camaradas jovens sindicalistas, que foram presos por estarem reunidos para protestar contra a desmedida ganância dos ladrões do povo consumidor, que ainda mantêm presos os jovens sindicalistas que protestaram contra a crise da vida;

2º protestar também contra o facto do governo português continuar a manter detidos os nossos camaradas vítimas da tirania do governo brasileiro;

3º Considerando que o mesmo governo continua sancionando uma arbitrariedade de que o governo brasileiro consumiu, contra cinco camaradas que foram expulsos do Brasil pelo grande crime de serem organizadores e trabalhadores conscientes;

Os carpinteiros civis de Lisboa, reunidos em assembleia geral, resolvem protestar:

1º Contra a já longa detenção dos camaradas jovens sindicalistas, que foram presos por estarem reunidos para protestar contra a desmedida ganância dos l

O CALVÁRIO

por
Octave Mirbeau

VIII

Sem dares por isso, talvez, deserta-
vam em mim desejos nobres, entusias-
mos sublimes... Insuflavam-me um pou-
co das crenças, das ambições, dos vóos
altivos da tua alma... Ensinavas-me a
ler na natureza, a compreender-lhe
linguagem apaixonada, a sentir a emo-
ção dispersa pelas coisas... Fazias-me
tocar com o deão a beleza imortal...
Dizias-me: «O amor está em toda a
parte; em uma billeja de barro ou no
farrapo que eu pinto... Uma sensibili-
dade, uma alegria, um sofrimento, uma
palpitação, uma dor, uma tristeza, seja o
que for de fugitivo que existe na vida;
sentir e fixar isso com cores, palavras
ou sons, é amar!... O amor, é o es-
forço do homem para a criação!... E
eu sonhava ser um grande artista!...
Ah! os meus sonhos, a minha embrai-
gue de ver, as minhas dúvidas, as mi-

nhas santas angústias! Lembras-te
delas?... E vê tu o que eu fiz de tudo
isso!... Quis amor, e procurei a mu-
lher, a matadora do amor... Parti com
elas, ébrio de espanto, de azul, de clá-
ridade!... E não sou mais do que um
porco imundo, espojado na lama, com
o fiozinho voraz e os flancos sacudidos
por ciões impuros... Como vês, Lirat,
estou perdido, completamente perdido,
e é preciso que me mate!...

Então, Lirat aproximou-se de mim e
pois-me as suas mãos sobre os om-
bros.

— Estás perdido, dizes tu!... Quan-
do se é da tua raça, a vida dum homem
nunca está perdida!... É preciso matar-
te?... — Acaso um doente de fé-
bre tifoide, grita: «É preciso matar-
me?» Nós, diz: «É preciso curar-
me...» Tens febre tifoide, meu pobr-
amigo... cura-te... Perdido!... mas
não existe um crime—pensa bem—um
crime, por mais monstruoso e baixo
que seja, que não possa resgatar-se com
o perdão... Não com o perdão de
Deus, não com o perdão dos homens,
mas com o nosso próprio perdão, que
é o melhor, sendo o mais difícil de
obter... Perdido! Ouvia-te, meu caro
Mintié, e sabes tu em que eu pensa-
va?... Pensava em que tens a mai-
or, a mais nobre alma que eu conhe-
ço... Não! Um homem que se accusa
como tu o fazes... um homem que põe
a confissão das suas faltas o tom dia-
cerante que tu puseste... um homem
assim, não é um homem perdido...
Pelo contrário, regressa à vida, está
perto da redenção... O amor passou

sobre ti e enlameou-te tanto, precisa-
mente por teres uma alma generosa e
delicada... Pois bem! É preciso lavar
esse lodo... e eu sei onde existe a água
que o apague... Vais partir daqui,
deixar Paris... — Lirat!—supliquei eu.— Não me pa-
cas que parta! Vinte vezes o tenho tra-
tado, mas não posso.

— Vais partir!—repitiu Lirat, cujo
rosto, de súbito, se ruborizou.— Altas, en-
ganei-me, e é um canalha!

— E acrescentou:

— Pois bem, anda!

— Partirei amanhã, juro-te!

— Amanhã?... Ah! Amanhã! Ela vai
entrar, não é verdade?... E tu vai
cair-lhe nos braços... Não, anda!

— Deixa-me escrever-lhe!... Apesar
de tudo, não posso deixá-la assim, sem
uma palavra, sem um adeus... Olha,
Lirat: apesar dos sofrimentos e das
vergonhas, há recordações felizes, horas
abandonadas... Ela não é má... Não
sabe o que faz, eis tudo... Mas ama-
me... Eu irei, prometo-te que vou...
Mas concede-me um dia!... Um dia
só!... Não é muito um dia, visto que
não a vereis mais! Ah! um dia só!

— Não; vem!

— Lirat!... Meu bom Lirat!...

— Não...

— Mas não tenho dinheiro!... Como
queres tu que eu parta, sem dinheiro?

— Ainda tenho o bastante para a tua
viagem... Lá em baixo te dou... Vem!

— Deixa-me levar a mala, ao menos!

— Eu tenho meias e barretes de

lá!... E disso que precisas... Vem!

— Mas, não te esqueces?

— Arrestou-me. Sem ver nada, quás-
sem compreender, atravessei o apos-
tado, atirado pelo vento, pela chuva e
pelos raiados... Afirmei-te: voltarás de
lá não só curado, mas também mais
forte que nunca, melhor armado para
a luta... E ficarás vingado do monstro...
Ficarás pago da tua fortuna!... Tenho inveja, desejaria ir contigo!... Vamos
nos, meu caro Mintié, um pouco de
coragem!... Anda!

— Sim, Lirat, tens razão... é preciso
partir...

— Era verdade! Ia sair sem chapéu...

— Parecia-me que abandonava, que dei-
xava atrás de mim uma parte do meu

meu que as coisas que via, e no meio

das quais tinha vivido, morriam uma

após outra, à medida que eu passava

diante delas...

— O combóio partia às oito da noite.

Lirat não me deixou em todo o resto

do dia. Querendo, sem dúvida, ocupar-

me o espírito e conservar em tensão a

minha vontade, falava-me fazendo gran-

des gestos; mas eu não ouvia mais do

que um ruído confuso, irritante, que

me zumbia aos ouvidos, como um voo

de moscas... Jantámos em um restaurante,

perto da estação de Montpar-

nasse. Lirat continuava a falar, maçan-

do-me com gestos e palavras, traçando

sobre a mesa, com a faca, linhas geo-

gráficas e extravagantes.

— Repara bem, é ali!... Depois, se-
gues a costa...

Dava-me, creio eu, explicações relati-

vas à minha viagem, ao meu exílio...

Citava-me nomes de aldeias e de pes-
soas... A palavras o mar, era pronun-
ciada incessantemente, semelhante ao
ruído de calhão removido pelas va-
gas.

— E há quem tenha tratado de bru-

tos, esses heróis... Ah! verás esses cal-
hos magníficos com as suas mãos cal-
das, e os seus olhos cheios de infinito...

Já no cais, ainda eu esperava a vinda
de Juliette... Certamente que, dentro
dum segundo, ela apareceria, pálida,
desigurada, suplicante, estendendo
os braços: «Meu Jean, meu Jean, eu era
uma mulher má, perdoa-me!... Não
vás, não me abandones!... Que queres
que eu faça sem ti?... Oh! volta, meu
Jean, ouve-me!... E os vultos apressa-
vam-s-, metiam-se nos vagões... som
barcos fantásticas rastejavam, quebrando
nas paredes; e elevavam-se, sobre
abóboda, nuvens de fumo, esbranqui-
zadas...

— Abracá-me, meu caro Mintié...
Abracá-me... Lirat estreitou-me contra o peito... Chorava...

— Escreve-me, logo que chegaras...
Adieu!—E, empurrando-me para a ca-
riagem, fechou a porta...

— Adieu!...

Um sítio, depois um rodar surdo...

Depois, luces que se perseguem, coi-
nas que fugiam... Depois, mais nadar; apas-
nas no mar negro... Porque não viria
Juliette?... Porque?... E, distinta-
mente, no meio das sáias espalhadas
sobre os tapetes, no seu quarto de ver-
tente, diante do espelho, com os ombros
nus, eu vi que ela saudava sobre o rosto

(Continua).

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapeleiros

Grande sortimento em chapéus, lisos
e mesclas em cōres lindíssimas,
ormatos dos mais afamados fabricantes estrangeiro

GRANDE NOVIDADE

Chapeu mole,
novo modelo americano,
muito elegante,
só na Cooperativa
A SOCIAL



Armazém e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS
Séde: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33
1.º Sucursal: — Rua dos Poais de S. Bento, 74, 74-A
2.º Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29
3.º Sucursal: — Rua do Arco do Marquês de Al-
grete, 56, 58

Fábrica de bo

Chapeu modelo Jaurés (Exclusivo)

BRIQUETTES DE S. PEDRO DA COVA

Pedidos ao agente exclusivo

E. DE AGUIAR

RUA DOS CORREIROS, 210

TELEFONES: 4:340 e 3:550

Execução de encomendas imediatas ao mais baixo preço do
mercado. (648)

COMPANHIA DE SEGUROS

A NACIONAL

Sede na sua propriedade

Avenida da Liberdade, 14, Lisboa

Fundada em 17.4.1900—Reitoria 500.000

CASA Braco de Prata ou Poço do Bispo

Precisa-se para habitação, dá-se tres-
passe. Carta à rua dos Fanqueiros, 38,
3.º, esquerdo. (650)

Seguros sobre a vida humana

E CONTRA

Acidentes no trabalho, incêndios,

roubo

e riscos de transportes

Apesar dos preços resumidos
marcados nos artigos, os leito-
res de «A BATALHA», tem o des-
conto de 6% (sendo 3% a favor
do jornal).

Satisfazem-se encomen-
das para a província
— ilhas e colônias —

Largo do Poço Novo, 22 — Lisboa
(Junto da C. do Combro, defronte
da Palmeira)



Não me ralo!

Vou ali à CHAPELARIA LUZI-
TANA, e por um preço baratíssimo,
compro um chapeu bom, bonito,
bem acabado e duma solidade capaz
de resistir a todos os vasos.

CHAPELARIA LUZITANA
Rua Arco Marquês do Alegrete, 45-51
(145)

Em Lisboa: Rua do Comércio, 85.
No Porto: Rua da Nova Alfândega,
76, 1.º.

Caixa de Pensões do Arsenal de Marinha

AVISO

De harmonia com a doutrina da alínea e)
do número 2.º do artigo 49.º e ainda com o
disposto no artigo 81.º, convoco os associados
a reunir em assembleia geral extraordinária
no dia 13 de novembro, pelas 17 horas,
na sala da Escola Profissional, para a
seguinte:

Ordem dos Trabalhos

1.º—Votar o parecer da comissão nomeada
para se pronunciar acerca da conveniência
de ser alterado o Estatuto e nomear a
comissão elaboradora dessas alterações.

2.º—Resolver sobre a concessão da pen-
são instituída pelo falecido consócio n.º 190
Mário Augusto de Sousa.

Lisboa, 29 de Outubro de 1919.

O presidente da mesa

a) Manuel Fernandes Neto

b) Dr. António de Oliveira

c) Dr. António de Oliveira

d) Dr. António de Oliveira

e) Dr. António de Oliveira

f) Dr. António de Oliveira

g) Dr. António de Oliveira

h) Dr. António de Oliveira

i) Dr. António de Oliveira

j) Dr. António de Oliveira

k) Dr. António de Oliveira

l) Dr. António de Oliveira

m) Dr. António de Oliveira

n) Dr. António de Oliveira

o) Dr. António de Oliveira

p) Dr. António de Oliveira

q) Dr. António de Oliveira

r) Dr. António de Oliveira

s